

LEVANTAMENTO ETNOHISTÓRICO DO USO DE ARTEFATOS DE FIBRAS VEGETAIS NO BRASIL QUINHENTISTA

Rodrigo Lessa Costa

Professor do Colegiado de Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional (MN/UFRJ)

RESUMO

As fibras vegetais foram largamente utilizadas no cotidiano dos índios brasileiros desde tempos imemoriais. A partir do entrançamento dessas fibras, foram confeccionadas cestas, redes, armadilhas de pesca, bolsas e recipientes. Alguns grupos utilizaram até resinas para impermeabilizar os utensílios, fazendo da cestaria uma tecnologia alternativa à cerâmica. Os artefatos de fibras vegetais, também conhecidos por cestaria, desempenham ainda importante papel nas simbologias dos seus detentores, transmitindo significados nas decorações e no formato. Contudo, diferente da cerâmica, quase indestrutível, a cestaria se preservou em quantidade bem menor em contextos arqueológicos. Desta forma, os relatos produzidos pelos cronistas e viajantes apresentam-se como importante fonte no resgate de informações a respeito dessa tecnologia e sua respectiva importância. Neste artigo, analiso relatos de diversos cronistas e viajantes que mostram ricas referências sobre o uso de fibras vegetais pelos indígenas recém-contactados.

Palavras-Chave: Etnohistória, Arqueologia, Fibras vegetais

PURSUIT OF ETHNO-HISTORICAL SOURCES ON FIBER PLANT ARTIFACTS USED IN BRAZIL OF 1500'S

ABSTRACT

Plant fiber has been frequently used in Brazilian Indians daily since far times. Through these fibers intertwining it was made baskets, nets, fishing traps, bags and so on. Some people became their baskets impermeable through somewhat wax or other residues applying, thus, basketry could be an alternative technology to ceramics. Fiber plant artifacts, also named basketry, owning and conveying several symbolic messages into their decorations and shape. However, opposite to ceramics, almost indestructible, basketry has conserved in reduced amounts in archaeological contexts. Reports written by travelers and chroniclers present themselves like an important source to information rescue regarding this technology and its importance. In this paper I analyzed several of these reports that showing significant references about fiber plant used by Indians recently encountered.

Keywords: Ethno-history, archaeology, fiber plant

LEVANTAMENTO ETNOHISTÓRICO DOS ARTEFATOS DE FIBRAS VEGETAIS NO BRASIL QUINHENTISTA

Introdução

Os cestos e demais objetos trançados em fibras vegetais cumpriram, desde a pré-história, importante papel no cotidiano da maioria dos grupos indígenas. Estão relacionados às mais diversas funções utilitárias, como o armazenamento de cereais e grãos, processamento da mandioca, armadilhas para pesca, transporte de objetos diversos, entre outras; e funções cerimoniais, como enterramentos primários ou secundários (Lima, 2012; Ribeiro, 1987 ; O’Neale, 1987:299). Alguns grupos de natureza mais itinerante abriram mão de utensílios cerâmicos em favor dos cestos e objetos trançados, inclusive, cestos impermeabilizados (Ribeiro, op.cit.). Além de desempenhar algumas funções similares às da cerâmica, os objetos de cestaria são bem mais leves e bem mais fáceis de transportar.

Tais objetos estão acondicionados em reservas por todo o país, alguns com mais de três mil anos. Outros, embora não tão antigos, são de importância destacada para o entendimento da diversidade da cultura material de grupos indígenas visitados desde a colonização até períodos recentes. A reserva técnica etnográfica do Museu Nacional, por exemplo, possui mais de cinco mil exemplares de cestaria indígena, coletada em expedições, principalmente junto a etnias amazônicas, a maioria estudada e classificada por Ribeiro (1988).

Cestos, travessas, recipientes e objetos feitos de palha, cipós ou a partir de fibras extraídas de gramíneas estão contidos em intrincadas mitologias, representando, tanto em pinturas como na sua própria estrutura, símbolos das culturas indígenas. De acordo com Silva (2011) alguns cestos confeccionados pelos Xikrin possuem no formato significado análogo a um corpo humano, ou seja, a abertura do cesto se assemelha a uma boca e, o fundo do cesto, às nádegas. O cesto *kì kumrenx* possui grande quantidade de elementos decorativos similares aos utilizados nos corpos dos próprios índios, incluindo pintura com urucum e um enfeite frontal que seria semelhante a um tembetá colocado no bojo do cesto.

Entre as etnias Wayanã e Apalai, além do corpo de seres humanos, e seres de outros mundos são personificados nos cestos (van Velthem, 2007).

Quando se estuda os objetos de fibra e outros elementos da cultura material provenientes de sítios arqueológicos, a interação com outras fontes pode sugerir possibilidades de interpretação, pois, obviamente, os habitantes dessas épocas tão distantes não sobreviveram para nos contar seus mitos e sentimentos e como estes foram representados na cultura material. Aí reside a importância das fontes etnohistóricas. Com imenso poder ilustrativo, remetem-se a períodos nos quais os efeitos tão devastadores da colonização eram bem menos evidentes, sobretudo nos primeiros séculos do contato.

Este texto pretende demonstrar a utilidade que esses relatos podem ter no entendimento da cultura material de grupos anteriores à colonização. Apoiando e fornecendo informações suplementares à arqueologia e, subsequentemente, à história da tecnologia e das artes imemorais de grupos tradicionais, a arqueologia tem lidado tradicionalmente com informações provenientes de contextos extremamente fragmentários. O fato de o arqueólogo não ter qualquer acesso aos costumes das pessoas que produziram a cultura material soma-se às condições medíocres de conservação propiciadas pelo clima e aridez do solo brasileiro, especialmente no caso das evidências perecíveis, categoria na qual se inserem os objetos de fibra que trato na presente pesquisa. Os aspectos mais complexos das culturas ameríndias como sua cosmologia e simbologia praticamente se perderam e, mesmo a possibilidade de recuperar aqueles considerados mais simples como a função dos artefatos e sua relação com o meio ambiente, apresenta-se como um intenso desafio para o qual o auxílio de outras ferramentas, a exemplo dos relatos de cronistas e viajantes, torna-se primordial.

Rubbertone (2000), entretanto, discute sobre o cuidado especial que o uso de fontes etnohistóricas requer para que o pesquisador não incorra nos mesmos erros de pesquisadores histórico-culturalistas que, através do modelo “*direct-historical*” ,defenderam a existência de continuidades culturais entre épocas e culturas distantes, julgando as culturas americanas atrasadas sem levar em conta os efeitos devastadores da colonização sobre os grupos remanescentes. Todavia, esse modelo de certa forma preconceituoso foi utilizado num momento em que as pesquisas arqueológicas eram ainda incipientes e o esboço de um quadro cultural-regional (como foi feito) carecia de mais dados que aqueles disponíveis. Em conjunto com outras fontes, os relatos etnohistóricos podem, entretanto, ser importantes na construção de interpretações sobre o passado, mesmo para os períodos mais antigos, desde que o pesquisador leve em conta a

dinamicidade da cultura, grandes migrações e conflitos aos quais os ameríndios se sujeitaram, desde tempos mais distantes.

Durante o século XVI, viveu-se no Brasil recém-descoberto uma atmosfera de encantamento. A nudez, a antropofagia, a luxúria, a belicosidade, a arte, os diferentes animais e plantas encontrados nessa terra, para o bem ou para o mal, representaram forte impacto junto aos estrangeiros que aqui chegavam com o intuito de povoar e explorar a terra e, posteriormente, catequizar o gentil.

Desde a carta de Pero Vaz de Caminha, produziu-se uma série de tratados que descrevia os mais diversos aspectos naturais e culturais observados pelos viajantes e colonos. Destacam-se também os relatos fornecidos por religiosos jesuítas e capuchinhos, como Fernão Cardim, André Thevet, d’Abeville, entre outros. Eles, mesmo na ânsia de cristianizar os índios, não deixaram de se encantar pela diversidade cultural apresentada pelos mesmos e registrá-la em diários e cadernos que, mais tarde, viriam a compor importante fonte de conhecimento para a pesquisa histórica. Essas pessoas se empenharam em descrever com ricos detalhes os mais diversos costumes e hábitos que observavam na convivência com os índios. Obviamente, tais relatos não são isentos de juízo de valor, principalmente os que versam sobre grupos que demonstraram resistência à cristianização, apontando para a crueldade empregada em rituais de antropofagia, infanticídio, entre outros. Todavia, isso não reduz importância desses documentos no estudo da história do Brasil.

A preferência em abordar, aqui, exclusivamente os cronistas e viajantes que escreveram no século XVI se deve ao interesse em observar a produção de trançados indígenas nos contextos ainda sob pouca influência europeia e africana. Ressalto, porém, a dificuldade em realizar essa separação, uma vez que os cronistas em geral escreveram sobre grupos já bastante contatados.

As “Ervas” e Outras Plantas: Usos Diversos

Entre os autores analisados, Gabriel Soares de Sousa, Jean de Léry, Hans Staden e Fernão Cardim fazem ricas referências sobre os tipos de árvores e “ervas” encontradas no Brasil, citando, em alguns casos, o tipo de aproveitamento ao qual estas se destinam. Pouco é dito sobre as plantas utilizadas na confecção de cestos propriamente ditos. O

principal aproveitamento relatado é o de “ervas” utilizadas na confecção de cordas. Apenas Jean de Léry faz apontamentos sobre algumas palmeiras encontradas, mas não as relaciona com a confecção de cestos ou outros objetos trançados.

O uso do algodão citado nos relatos dos cronistas em vários momentos pode ser considerado ambíguo, uma vez que, com base em evidências etnográficas, acredito que vários dos objetos aos quais os cronistas se referem como feitos de algodão podem ter sido feitos também de palha. Como exemplo, cito as redes. Embora o algodão seja também uma fibra vegetal, não participa da categoria cestaria e, portanto será minimamente abordado aqui.

Enquanto as demais fibras vegetais, marantáceas ou aracáceas (palmeiras), são beneficiadas de forma bastante rudimentar, apenas a partir do emprego da mão de obra artesanal, ou seja, sem maquinário ou instrumentos. O algodão, por sua vez, necessita de procedimentos mais complexos, como a fiação por meio do tear, fusos e outros implementos. Optei por enfatizar apenas os artefatos de fibra vegetal trançados, na forma da palha, tala e mesmo as fasquias de cipó, em geral utilizada na confecção de objetos mais rijos como cestos e esteiras.

O próprio texto de Jean de Léry (2007: 230-231) descreve o processo de fiação do algodão,:

Depois de tirar o algodão dos capulhos, estendem-no com os dedos sem o cardar e o amontoam no chão ou sobre qualquer objeto; como não usam rocas semelhantes as europeias prendem os fios à parte mais comprida de um pau redondo (fuso) da grossura de um dedo e de um pé de comprimento mais ou menos com uma espécie de pino de madeira da mesma grossura colocado de través; rolam depois esse pau sobre as coxas e torcem, soltando-o da mão como fazem as fiandeiras com as maçarocas, e o volteiam no meio da casa ou em qualquer outro lugar, obtendo desse modo não só fios grosseiros para redes mas também delgadíssimos e bem trabalhados.

Jean de Léry (op.cit) exalta a praticidade e conforto proporcionado por essas redes nas quais os índios dormiam recomendando-as, inclusive, para os soldados franceses.

De acordo com Soares de Sousa, encontram-se no Brasil diferentes tipos de cipós, timbós e timboranas, aproveitados na confecção de cestos e no amarramento das madeiras que cobriam as choças. Soares de Sousa relaciona ainda o cipó-embé, cipó muito resistente utilizado para derrubada de árvores e amarração das canoas. Segundo Cardim (2009:134), esse cipó embé ou Imbé, referido pelos índios como Goembegoçu, teria sido, inclusive, utilizado pelos portugueses na amarração de navios. Sobre o caeté, folha similar à alface, afirma Soares de Sousa:

[Os índios fazem] delas uns vasos, em que metem a farinha, quando vão à guerra, ou algum outro caminho, onde a farinha vai de feição que ainda que chova muito não lhe entra água dentro (Soares de Sousa, 2010:218) .

E a caápara, folha similar ao caeté, que teria sido utilizada na confecção de esteiras e também na cobertura das casas:

arma o gentio em umas varas uma feição como esteira muito tecida, e fica cada esteira de trinta palmos de comprimento, e três de largo, e assentam-nas sobre o emadeiramento das casas, com o que ficam muito bem cobertas; e dura uma cobertura destas sete, oito anos e mais (Soares de Sousa, op.cit .)

Uma espécie de cesto cônico denominado panacú era fabricado pelos tupinambás e utilizados para a armazenagem de farinha e demais mantimentos. Segundo Jean de Léry (idem: 234), seriam esses panacús “cestas grandes e pequenas, tecidas com muita delicadeza, de junco ou outros caniços, ou ainda de vime ou palha de milho”. Os panacús estavam, inclusive, presentes no imaginário tupinambá. Segundo Cardim (2009:175):

Entre eles se alevantaram algumas vezes alguns feiticeiros, a que chamam Caraíba, Santo ou Santidade, e é de ordinário algum índio de ruim vida: este faz algumas feitiçarias, e cousas estranhas à natureza, como mostrar que ressuscita a algum vivo que se faz de morto, e com esta e outras cousas semelhantes traz após si todo o sertão enganando-os dizendo-lhes que não rocem, nem plantem seus legumes, e mantimentos, nem cavem nem trabalhem etc., porque com sua vinda é

chegado o tempo em que as enxadas por si não de cavar, e os panicús ir às roças e trazer os mantimentos (...)

De forma geral, Jean de Léry (ibdem: 302) relata ainda o repertório de objetos em fibra dos tupinambá:

Não fazem os tupinambás entre si outras obras primas que balaios de folha de palma, e outras vasilhas da mesma folha ao seu modo e do seu uso; fazem arcos e flechas, e alguns empalhados e lavrados de branco e preto, feitiço de muito artifício; fazem cestos de umas varas que chamam cipós, e outras vasilhas em labores, como as de rota-da-Índia (...) fazem mais estes índios, os que são principais, redes lavradas de labores de esteiras, e de outros laços, e umas cordas tecidas, a que chamam muçuranas, de algodão, que tem o feitiço dos cabos de cabresto.

Com relação ao fabrico das armas do gentio e o uso de tecidos de palma, afirma Cardim (2009:189):

As armas deste gentio o ordinário são arcos e flechas e deles se honram muito, e os que fazem de boa madeiras, e muito galantes, tecidos com palma de várias cores, e lhes tingem a corda de verde ou vermelho (...)

E ainda que:

Também usam por armas de espadas de pau, e os cabos delas tecem de palma de várias cores e os empenam com penas de várias cores, principalmente em suas festas e matanças: estas espadas são cruéis porque não dão de ferida, mas pisam e quebram a cabeça a um homem sem haver remédio de cura. (ibdem:189-90)

Objetos de fibra foram utilizados também no preparo e armazenagem de alimentos. No processamento da mandioca, por exemplo, pelo menos dois elementos eram feitos de fibras vegetais: o tipiti e a peneira. Tais objetos são utilizados ainda hoje pela maior parte das etnias da qual a mandioca faz parte da dieta recorrente. Segundo Staden (142):

(Os índios) trituram totalmente as raízes numa pedra, em pequenas migalhas, e as amassam para que o suco saia por meio de um tubo feito a partir das cascas das palmas e que

chamam tipiti. Assim, a massa, que fazem então passar por uma peneira, fica seca.



Fig. 1 – Tipiti Krin'ô. Fonte: Silva e Gordon, 2013.

Cestos e outros objetos de fibra nos rituais funerários indígenas

O relato de Staden é a mais conhecida e detalhada descrição no que diz respeito aos rituais antropofágicos no Brasil seiscentista. Entretanto, alguns elementos da cultura material aparecem intermitentemente entre as descrições de Staden. Podemos destacar o uso de redes, que, segundo Staden eram as “camas” daquelas pessoas. Numa das ilustrações do texto de Staden, é possível ver ainda as redes sendo utilizadas durante rituais funerários, ao passo que uma grande epidemia dava-se sobre os índios na aldeia de Ubatuba.

Os cestos também estavam envolvidos no banquete antropofágico. Enquanto tentava convencer Cunhambebe, o mais importante chefe Tupinambá na aldeia de Ubatuba, Hans Staden observava que:

Cunhambebe tinha diante de si um grande cesto cheio de carne humana. Comia de uma perna, segurou-a frente a minha boca e perguntou se eu também queria comer. Respondi: “Um animal irracional não come outro igual a si, e um homem deveria comer um outro homem?”. Então ele disse: “*Juára Ichê*. Sou uma onça. É gostoso.” E afastei-me.

Enquanto esperava para escapar do cativeiro tupinambá em um navio francês que estava ancorado nas proximidades de Ubatuba, Staden observa que:

No dia seguinte, depois da bebedeira, esquentaram mais uma vez a carne assada e comeram. A carne do outro, Jerônimo, no entanto, estava dependurada dentro de um cesto, na cabana onde eu estava, e ficou sobre o fumeiro durante umas três semanas, até tomar-se dura como madeira. (113)

Jean de Léry (2007:214) descrevendo a *cauinagem* tupinambá relata o uso de máscaras e plumas, mas não enumera a matéria prima utilizada nessas máscaras, entretanto é possível que de forma semelhante a algumas etnias amazônicas atuais, além de diferentes tipos de madeiras, diversas fibras vegetais tenham recebido também esse fim, mesmo que como um elemento complementar.

O Uso das Fibras Vegetais na Pesca e Mariscagem

Jean de Léry (2007: 164) exaltando a capacidade de nadar dos índios tupinambá, relata um episódio em que ao se dirigirem ao mar para pescar, um grupo com mais de 30 “selvagens”, sua canoa virou e estes perderam redes de algodão, anzóis e outros implementos utilizados na pesca, mas que não se preocuparam pois tinham outros iguais em terra. Logo abaixo, entretanto, o autor relata que os tupinambás utilizam para pescar “além das flechas, espinhas à feição de anzóis, presas e linhas feitas de uma planta chamada tukum”. O termo tukum seria uma designação genérica para palmeiras com espinhos cuja fibra era usada para confecção de cordas e fios. Segundo Hans Staden “faziam [os índios] com este tukum verdadeiras redes”.

Ainda sobre o tukum ou tocun afirma Soares de Sousa (2010: 219)

Tocun é uma erva cujas folhas são como de cana-do-reino, mas mais curtas e brandas; a vara onde se criam é cheia de espinhos pretos, e limpa deles fica como a rota da Índia. Estas folhas quebram os índios a mão, e tiram dela o mais fino linho do mundo, que parece seda, de que fazem linhas de pescar, torcidas a mão, e são tão rijas que não quebram com peixe nenhum. Este tocun, ou seda que dele sai, é pontualmente do toque da erva-da-índia, e assim o parece; do qual se farão obras mui delicadas, se quiserem.

Soares de Sousa (op.cit) descreve uma espécie de “redinha de mão” chamada *pissa* utilizada na pesca da tainha. De acordo com esse cronista:

E de noite, com águas vivas, as [tainhas] tomam os índios com umas redinhas de mão, que chamam pissas, que vão atadas em uma vara arcada; e ajuntam-se muitos índios, e tapam a boca de um esteiro com varas e ramas, e como a maré está cheia tapam-lhe a porta; e põem-lhe as redinhas ao longo da tapagem, quando a maré vaza, e outros batem no cabo do esteiro, para que se venham todas abaixo a meter nas redes; e desta maneira carregam uma canoa de tainhas, e de outro peixe que entra no esteiro.

Também Hans Staden relata sobre o uso de pequenas redes feitas de tucum em alternativa à pesca com arco e flecha, sobretudo, na pesca de um peixe chamado pirati.

De acordo com Soares de Sousa, além da tainha, outros peixes que “morrem nas redes” são: o zabucaí ou peixe-galo, a tareira ou enxada, os corimas ou coirimas, o arabori ou aravari o urumaçã e as carapebas. Entretanto não é possível identificar no relato deste autor se a “rede” em que esses peixes morrem ou são “tomados” seria a mesma armadilha utilizada para a captura das tainhas, ou algo mais simples. Também camarões, chamados pelos índios *potipemas*, eram pegos com redinhas de mão.

Sobre a mariscagem do caranguejo uçá Soares de Sousa, afirma que os índios pegavam os caranguejos de dentro de suas covas “com o braço nu” e estes eram trazidos vivos em um cesto serrado feito de verga delgada, a que os índios chamam samura ou samburá, tipo de cesto de boca estreita, feito de cipó ou taquara, utilizado para carregar iscas ou pescado (Soares de Sousa, 2010:281).

Sobre os índios que viviam na costa do rio Paraguai afirma Cabeza de Vaca:

Esses índios extraem o fio que usam para fazer redes de uns cardos. Arrancam-nos e os colocam de molho por uns quinze dias. Depois os ralam com conchas de moluscos, até ficarem brancos como a neve (Cabeza de Vaca, 2009:175).

Seria possível acreditar que entre os grupos pré-históricos sambaquieiros o processamento dessa matéria-prima poderia se dar de forma similar, uma vez que, como bem se sabe conchas de moluscos são largamente utilizadas como matéria construtiva ou como utensílios.

Considerações

Os relatos dos cronistas do século XVI foram pouco específicos com relação às plantas e cipós utilizados na confecção de cordas e cestarias. Termos como timbó, utilizados para descrever várias plantas da família das Sapindáceas (*Paullinia pinnata*, L.), são genéricos, aparentemente utilizados pelos índios e cronistas apenas para descrever as propriedades de determinadas plantas. Na verdade, até hoje, essa identificação à posteriori se trata de um processo complexo, pois, durante a confecção das cordas, cestos e outros objetos, as plantas e vegetais sofrem um processamento que inclui descorticação, tingimento, lavagem, retirada de espinhos, ou seja, procedimentos que mudam completamente sua aparência, tornando o reconhecimento com base apenas na observação do produto final praticamente impraticável.

Nos séculos XVIII e XIX, fontes iconográficas também passam a fazer referência às tecnologias indígenas, em especial à produção de cestarias. Destaca-se, na obra de Debret, a imagem abaixo:



Fig.1 – Cestarias retratadas por Debret (1835)

Ainda o fato de os cronistas e viajantes quinhentistas terem acompanhado e convivido muito mais com os índios da costa não possibilitou aos mesmos um conhecimento abrangente com relação às particularidades das diferentes etnias. Assim,

os conhecimentos técnicos e artísticos dos índios do interior representam um vazio que pode ser preenchido apenas a partir dos estudos arqueológicos e do estudo de fontes etnohistóricas bem mais recentes.

O uso da palha e da tala das palmeiras para a confecção de cestos e redes, ricamente estudada por Ribeiro (1987) entre grupos indígenas recentes, praticamente não foi observado nos relatos dos cronistas quinhentistas, que se remetem superficialmente ao aproveitamento das folhas dessas espécies em cobertas de casas. Apenas Cardim faz referência evasiva a alguns vasilhames “feitos com folha de palma” pelos tupinambás, anteriormente citados. Já uso dos cipós para a confecção desses objetos é relatado repetidas vezes. Entretanto, o fato de serem encontrados diversos vestígios desses objetos indica que havia entre os índios o hábito de fazê-los. Resta saber por que os cronistas e viajantes deste século deram tão pouca atenção a essa matéria-prima.

De fato, diversos fins foram dados a objetos confeccionados em fibra vegetal, passando pela arquitetura indígena, armazenamento e preparo de víveres, e rituais funerários, confirmando a inversão cometida pelos arqueólogos e atestada por Adovasio, quando afirma que a maioria destes pesquisadores tem privilegiado o estudo de tecnologias líticas e cerâmicas em detrimento das tecnologias perecíveis, que, aparentemente, foram muito mais utilizadas tanto pelos povos pré-históricos, como pelos grupos indígenas pós-contato.

Referências Bibliográficas

- CABEZA DE VACA, A.N. Naufrágios e Comentários. L&PM Pocket. 2009.
- CARDIM, F. Tratados da Terra e Gentes do Brasil. Edição de bolso. Hedra. 2009.
- DEBRET, J.B. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Livraria Martins Editora. 1965.
- LÉRY, J. Viagem a Terra do Brasil. Coleção Reconquista. Itatiaia Editora, 2007.
- LIMA, J. M. D. A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus. Pesquisas – Antropologia, n. 69, Instituto Anchieta de Pesquisas. 2012.
- O'NEALE, Lila. Cestaria. In: Tecnologia Indígena, vol. II da Suma Etnológica Brasileira. FINEP/VOZES, Rio de Janeiro. 1987.
- RIBEIRO, B. A arte de trançar: dois macroestilos, dois modos de vida. In: Ribeiro, D. Suma Etnológica Brasileira: Tecnologia Indígena, vol. II . Rio de Janeiro: FINEP/VOZES: 283-321. 1987.
- _____. Dicionário do Artesanato Indígena. Editora Itatiaia. 1988.
- RUBBERTONE, P. The Historical Archaeology of Native Americans. In: Annual Review of Anthropology. Vol.29. p.425-46. 2000.
- SOARES DE SOUSA, G. Tratado Descritivo do Brasil em 1587. Hedra. 2010.
- STADEN, H. Duas viagens ao Brasil. L&PM Pocket. 2011.
- SILVA, F.A. & GORDON, C. Anthropology in the museum reflections on the curatorship of the Xikrin Collection. In: Virtual Brazilian anthropology, v.10, n1, p.425-468. 2013
- _____. A Tecnologia da Cestaria entre os Xikrin-Kayapó. In: SILVA, F. A. ; GORDON, C. Xikrin Uma Coleção Etnográfica. P. 173-207. Edusp. 2011.
- VAN VELTHEM, L. H. Trançados indígenas norte amazônicos:fazer, adornar, usar. Revista de Estudos e Pesquisas (Fundação Nacional do Índio), v. 4, p. 117-146, 2007.